



LIVRO DE  
SOROR SAUDADE



Florbela Espanca



# dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

# **Livro de Soror Saudade**

Florbela Espanca



Projecto Adamastor

# Ficha Técnica

**Título:** Livro de Soror Saudade

**Autora:** Florbela Espanca

**Data Original de Publicação:** 1923

**Data Publicação eBook:** 2013

**Capa:** Ana Ferreira

**Imagem Capa:** *My Sweet Rose*, de John William Waterhouse

**Revisão:** Ricardo Barradas

Esta obra foi revista segundo o Acordo Ortográfico de 1945, com base no texto disponível no [Wikisource](#) e na edição digitalizada pela [Biblioteca Nacional de Portugal](#). Para a revisão, foram também consultados texto e notas editoriais publicados em "Obras Completas de Florbela Espanca - Volume II - Poesia - 1918-1930", Publicações Dom Quixote, 1985.



Este trabalho foi licenciado com uma [Licença Creative Commons - Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada](#).

# Índice

«Soror Saudade»

O Nosso Livro

O Que Tu És...

Fanatismo

Alentejano

Que Importa?...

Fumo

O Meu Orgulho

Os Versos Que Te Fiz

Frieza

O Meu Mal

A Noite Desce...

Caravelas

**Inconstância**

**O Nosso Mundo**

**Prince Charmant**

**Anoitecer**

**Esfinge**

**Tarde Demais...**

**Noturno**

**Cinzento**

**Maria das Quimeras**

**Saudades**

**O Que Alguém Disse**

**Ruínas**

**Crepúsculo**

**Ódio?**

**Renúncia**

**A Vida**

**Horas Rubras**

**Suavidade**

**Princesa Desalento**

**Sombra**

**Hora que Passa**

**Da Minha Janela**

**Sol Poente**

**Exaltação**



Irmã, Soror Saudade, ah! se eu pudesse  
Tocar de aspiração a nossa vida,  
Fazer do mundo a Terra Prometida  
Que ainda em sonho às vezes me aparece!

AMÉRICO DURÃO

Il n'a pas à se plaindre celui qui attend  
Un sentiment plus ardent et plus généreux.  
Il n'a pas à se plaindre celui qui attend  
Le désir d'un peu plus de bonheur, d'un  
Peu plus de beauté, d'un peu plus de justice.

MAETERLINCK

*La Sagesse et la Destinée*

# «Soror Saudade»

*A Américo Durão*

Irmã, Soror Saudade me chamaste...  
E na minh'alma o nome iluminou-se  
Como um vitral ao sol, como se fosse  
A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de Outono o murmuraste,  
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe,  
Jamais me hão-de chamar outro mais doce.  
Com ele bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma da minh'alma,  
Como benção de sol que afaga e acalma,  
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo  
Digo as palavras desse nome lindo  
Que tu me deste: «Irmã, Soror Saudade...»

# O Nosso Livro

A A.G.

Livro do meu amor, do teu amor,  
Livro do nosso amor, do nosso peito...  
Abre-lhe as folhas devagar, com jeito,  
Como se fossem pétalas de flor.

Olha que eu outro já não sei compor  
Mais santamente triste, mais perfeito...  
Não esfolhes os lírios com que é feito  
Que outros não tenho em meu jardim de dor!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!  
Num sorriso tu dizes e digo eu:  
Versos só nossos mas que lindos sois!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente  
Dirá, fechando o livro docemente:  
«Versos só nossos, só de nós os dois!...»

# O Que Tu És...

És Aquela que tudo te entristece  
Irrita e amargura, tudo humilha;  
Aquela a quem a Mágoa chamou filha;  
A que aos homens e a Deus nada merece.

Aquela que o sol claro entenebrece  
A que nem sabe a estrada que ora trilha,  
Que nem um lindo amor de maravilha  
Sequer deslumbra, e ilumina e aquece!

Mar-Morto sem marés nem ondas largas,  
A rastejar no chão como as mendigas,  
Todo feito de lágrimas amargas!

És ano que não teve Primavera...  
Ah! Não seres como as outras raparigas  
Ó Princesa Encantada da Quimera!...

# Fanatismo

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.  
Meus olhos andam cegos de te ver!  
Não és sequer razão do meu viver  
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...  
Passo no mundo, meu Amor, a ler  
No mist'rioso livro do teu ser  
A mesma história tantas vezes lida!...

«Tudo no mundo é frágil, tudo passa...»  
Quando me dizem isto, toda a graça  
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:  
«Ah! podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: princípio e fim!...»

# Alentejano

*À Buja*

Deu agora meio-dia; o sol é quente  
Beijando a urze triste dos outeiros.  
Nas ravinas do monte andam ceifeiros,  
Na faina, alegres, desde o sol nascente.

Cantam as raparigas meigamente.  
Brilham os olhos negros, feiticeiros.  
E há perfis delicados e trigueiros  
Entre as altas espigas d'ouro ardente.

A terra prende aos dedos sensuais  
A cabeleira loira dos trigais  
Sob a bênção dulcíssima dos céus.

Há gritos arrastados de cantigas...  
E eu sou uma daquelas raparigas...  
E tu passas e dizes: «Salve-os Deus!»

# Que Importa?...

Eu era a desdenhosa, a indif'rente.  
Nunca sentira em mim o coração  
Bater em violências de paixão  
Como bate no peito à outra gente.

Agora, olhas-me tu altivamente,  
Sem sombra de Desejo ou de emoção,  
Enquanto a asa loira da ilusão  
Dentro em mim se desdobra a um sol nascente.

Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte;  
Como nascida em carinhoso monte  
Toda ela é riso, e é frescura, e graça!

Nela refresca a boca um só instante...  
Que importa?... Se o cansado viandante  
Bebe em todas as fontes... quando passa?...

# Fumo

Longe de ti são ermos os caminhos,  
Longe de ti não há luar nem rosas;  
Longe de ti há noites silenciosas,  
Há dias sem calor, beirais sem ninhos!

Meus olhos são dois velhos pobrezinhos  
Perdidos pelas noites invernosas...  
Abertos, sonham mãos cariciosas,  
Tuas mãos doces plenas de carinhos!

Os dias são Outonos: choram... choram...  
Há crisântemos roxos que descoram...  
Há murmúrios dolentes de segredos...

Invoco o nosso sonho! Estendo os braços!  
E ele é, ó meu Amor, pelos espaços,  
Fumo leve que foge entre os meus dedos!...



# O Meu Orgulho

Lembro-me o que fui dantes. Quem me dera  
Não me lembrar! Em tardes dolorosas  
Lembro-me que fui a Primavera  
Que em muros velhos faz nascer as rosas!

As minhas mãos outrora carinhosas  
Pairavam como pombas... Quem soubera  
Porque tudo passou e foi quimera,  
E porque os muros velhos não dão rosas!

O que eu mais amo é que mais me esquece...  
E eu sonho: «Quem olvida não merece...»  
E já não fico tão abandonada!

Sinto que valho mais, mais pobrezinha:  
Que também é orgulho ser sozinha,  
E também é nobreza não ter nada!

# Os Versos Que Te Fiz

Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que a minha boca tem pra te dizer!  
São talhados em mármore de Paros  
Cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolências de veludos caros,  
São como sedas brancas a arder...  
Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que foram feitos pra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda...  
Que a boca da mulher é sempre linda  
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...  
E, nesse beijo, Amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

# Frieza

Os teus olhos são frios como as espadas,  
E claros como os trágicos punhais,  
Têm brilhos cortantes de metais  
E fulgores de lâminas geladas.

Vejo neles imagens retratadas  
De abandonos cruéis e desleais,  
Fantásticos desejos irreais,  
E todo o oiro e o sol das madrugadas!

Mas não te invejo, Amor, essa indif'rença,  
Que viver neste mundo sem amar  
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!  
E quanta vez dirás a soluçar:  
«Ah, quem me dera, Irmã, amar assim!...»

# O Meu Mal

*A meu irmão*

Eu tenho lido em mim, sei-me de cor,  
Eu sei o nome ao meu estranho mal:  
Eu sei que fui a renda dum vitral,  
Que fui cipreste, caravela, dor!

Fui tudo que no mundo há de maior:  
Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral!  
E fui, talvez, um verso de Nerval,  
Ou um cínico riso de Chamfort...

Fui a heráldica flor de agrestes cardos,  
Deram as minhas mãos aroma aos nardos...  
Deu cor ao eloendro a minha boca...

Ah! de Boabdil fui lágrima na Espanha!  
E foi de lá que eu trouxe esta ânsia estranha,  
Mágoa não sei de quê! Saudade louca!

# A Noite Desce...

Como pálpebras roxas que tombassem  
Sobre uns olhos cansados, carinhosas,  
A noite desce... Ah! doces mãos piedosas  
Que os meus olhos tristíssimos fechassem!

Assim mãos de bondade me beijassem!  
Assim me adormecessem! Caridosas  
Em braços de lírios, de mimosas,  
No crepúsculo que desce me enterrassem!

A noite em sombra e fumo se desfaz...  
Perfume de baunilha ou de lilás,  
A noite põe-me embriagada, louca!

E a noite vai descendo, sempre calma...  
Meu doce Amor tu beijas a minh'alma  
Beijando nesta hora a minha boca!

# Caravelas

Cheguei a meio da vida já cansada  
De tanto caminhar! Já me perdi!  
Dum estranho país que nunca vi  
Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.  
E as torres de marfim que construí  
Em trágica loucura as destruí  
Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim este Mar-Morto,  
Mar sem marés, sem vagas e sem porto  
Onde velas de sonhos se rasgaram!

Caravelas doiradas a bailar...  
Ai, quem me dera as que eu deitei ao Mar!  
As que eu lancei à vida, e não voltaram!...

# Inconstância

Procurei o amor que me mentiu.  
Pedi à Vida mais do que ela dava.  
Eterna sonhadora edificava  
Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,  
E tanto beijo a boca me queimava!  
E era o sol que os longes deslumbrava  
Igual a tanto sol que me fugiu!

Passei a vida a amar e a esquecer...  
Um sol a apagar-se e outro a acender  
Nas brumas dos atalhos por onde ando...

E este amor que assim me vai fugindo  
É igual a outro amor que vai surgindo,  
Que há-de partir também... nem eu sei quando...

# O Nosso Mundo

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos  
Como um divino vinho de Falerno!  
Poisando em ti o meu amor eterno  
Como poisam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...  
O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...  
E a Vida já não é o rubro inferno  
Todo fantasmas tristes e pressagos!

A Vida, meu Amor, quero vivê-la!  
Na mesma taça erguida em tuas mãos,  
Bocas unidas hemos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...  
Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...  
O mundo, Amor?... As nossas bocas juntas!...



# Prince Charmant

*A Raul Proença*

No lânguido esmaecer das amorosas  
Tardes que morrem voluptuosamente  
Procurei-O no meio de toda a gente.  
Procurei-O em horas silenciosas

Das noites da minh'alma tenebrosas!  
Boca sangrando beijos, flor que sente...  
Olhos postos num sonho, humildemente...  
Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca O encontrei!... Prince Charmant  
Como audaz cavaleiro em velhas lendas  
Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Ah! Toda a nossa vida anda a quimera  
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...  
- Nunca se encontra Aquele que se espera!...

# Anoitecer

A luz desmaia num fulgor d'aurora,  
Diz-nos adeus religiosamente...  
E eu, que não creio em nada, sou mais crente  
Do que em menina, um dia, o fui... outrora...

Não sei o que em mim ri, o que em mim chora  
Tenho bênçãos d'amor pra toda a gente!  
Como eu sou pequenina e tão dolente  
No amargo infinito desta hora!

Horas tristes que são o meu rosário...  
Ó minha cruz de tão pesado lenho!  
Meu áspero e intérmino Calvário!

E a esta hora tudo em mim revive:  
Saudades de saudades que não tenho...  
Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

# Esfinge

Sou filha da charneca erma e selvagem.  
Os giestais, por entre os rosmaninhos,  
Abrindo os olhos d'ouro, plos caminhos,  
Desta minh'alma ardente são a imagem.

Embalo em mim um sonho vão, miragem:  
Que tu e eu, em beijos e carinhos,  
Eu a Charneca e tu o Sol, sozinhos,  
Fôssemos um pedaço de paisagem!

E à noite, à hora doce da ansiedade  
Ouviria da boca do luar  
O *De Profundis* triste da saudade...

E à tua espera, enquanto o mundo dorme,  
Ficaria, olhos quietos, a cismar...  
Esfinge olhando a planície enorme...

# Tarde Demais...

Quando chegaste enfim, para te ver  
Abriu-se a noite em mágico luar;  
E pra o som de teus passos conhecer  
Pôs-se o silêncio, em volta, a escutar...

Chegaste enfim! Milagre de endoidar!  
Viu-se nessa hora o que não pode ser:  
Em plena noite, a noite iluminar,  
E as pedras do caminho florescer!

Beijando a areia d'ouro dos desertos  
Procura-te em vão! Braços abertos,  
Pés nus, olhos a rir, a boca em flor!

E há cem anos que eu fui nova e linda!...  
E a minha boca morta grita ainda:  
«Porque chegaste tarde, Ó meu Amor?!...»

# Nocturno

Amor! Anda o luar todo bondade,  
Beijando a terra, a desfazer-se em luz...  
Amor! São os pés brancos de Jesus  
Que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar... Quanta saudade  
Das ilusões e risos que em ti pus!  
Traçaste em mim os braços duma cruz,  
Neles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma, que eu te dei, cheia de mágoas,  
É nesta noite o nenúfar dum lago  
'Stendendo as asas brancas sobre as águas!

Poisa as mãos nos meus olhos, com carinho,  
Fecha-os num beijo dolorido e vago...  
E deixa-me chorar devagarinho...

# Cinzento

Poeiras de crepúsculos cinzentos,  
Lindas rendas velhinhas, em pedaços,  
Prendem-se aos meus cabelos, aos meus braços  
Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,  
Devagarinho, em mist'riosos passos...  
Perde-se a luz em lânguidos cansaços...  
Ergue-se a minha cruz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,  
Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,  
A névoa das saudades que deixaste!

Hora em que o teu olhar me deslumbrou...  
Hora em que a tua boca me beijou...  
Hora em que fumo e névoa te tornaste...

# Maria das Quimeras

Maria das Quimeras me chamou  
Alguém... Pelos castelos que eu ergui  
Plas flores d'ouro e azul que a sol teci  
Numa tela de sonho que estalou.

Maria das Quimeras me ficou;  
Com elas na minh'alma adormeci.  
Mas, quando despertei, nem uma vi  
Que da minh'alma, Alguém, tudo levou!

Maria das Quimeras, que fim deste  
Às flores d'ouro e azul que a sol bordaste,  
Aos sonhos tresloucados que fizeste?

Pelo mundo, na vida, o que é que esperas?...  
Aonde estão os beijos que sonhaste,  
Maria das Quimeras, sem quimeras?...

# Saudades

Saudades! Sim... talvez... e porque não?...  
Se o sonho foi tão alto e forte  
Que bem pensara vê-lo até à morte  
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!  
Que tudo isso, Amor, nos não importe.  
Se ele deixou beleza que conforte  
Deve-nos ser sagrado como o pão.

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,  
Para mais doidamente me lembrar,  
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:  
Quanto menos quisesse recordar  
Mais saudade andasse presa a mim!



# O Que Alguém Disse

«Refugia-te na Arte» diz-me Alguém  
«Eleva-te num voo espiritual,  
Esquece o teu amor, ri do teu mal,  
Olhando-te a ti própria com desdém.

Só é grande e perfeito o que nos vem  
Do que em nós é Divino e imortal!  
Cega de luz e tonta de ideal  
Busca em ti a Verdade e em mais ninguém!»

No poente doirado como a chama  
Estas palavras morrem... E n'Aquele  
Que é triste, como eu, fico a pensar...

O poente tem alma: sente e ama!  
E, porque o sol é cor dos olhos d'Ele,  
Eu fico olhando o sol, a soluçar...

# Ruínas

Se é sempre Outono o rir das Primaveras,  
Castelos, um a um, deixa-os cair...  
Que a vida é um constante derruir  
De palácios do Reino das Quimeras!

E deixa sobre as ruínas crescer heras,  
Deixa-as beijar as pedras e florir!  
Que a vida é um contínuo destruir  
De palácios do Reino das Quimeras!

Deixa tombar meus rútilos castelos!  
Tenho ainda mais sonhos para erguê-los  
Mais alto do que as águias pelo ar!

Sonhos que tombam! Derrocada louca!  
São como os beijos duma linda boca!  
Sonhos!... Deixa-os tombar... Deixa-os tombar.

# Crepúsculo

Teus olhos, borboletas de oiro, ardentes  
Batendo as asas leves, irisadas,  
Poisam nos meus, suaves e cansadas  
Como em dois lírios roxos e dolentes...

E os lírios fecham... Meu Amor, não sentes?  
Minha boca tem rosas desmaiadas,  
E as minhas pobres mãos são maceradas  
Como vagas saudades de doentes...

O Silencio abre as mãos... entorna rosas...  
Andam no ar carícias vaporosas  
Como pálidas sedas, arrastando...

E a tua boca rubra ao pé da minha  
É na suavidade da tardinha  
Um coração ardente palpitando...

# Ódio?

*À Aurora Aboim*

Ódio por Ele? Não... Se o amei tanto,  
Se tanto bem lhe quis no meu passado,  
Se o encontrei depois de o ter sonhado,  
Se à vida assim roubei todo o encanto,

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto  
Turva o meu triste olhar, marmorizado,  
Olhar de monja, trágico, gelado  
Com um soturno e enorme Campo Santo!

Nunca mais o amar já é bastante!  
Quero senti-lo doutra, bem distante,  
Como se fora meu, calma e serena!

Ódio seria em mim saudade infinda,  
Mágoa de o ter perdido, amor ainda!  
Ódio por Ele? Não... não vale a pena...

# Renúncia

A minha mocidade há muito pus  
No tranquilo convento da tristeza;  
Lá passa dias, noites, sempre presa,  
Olhos fechados, magras mãos em cruz...

Lá fora, a Noite, Satanás, seduz!  
Desdobra-se em requintes de Beleza...  
E como um beijo ardente a Natureza...  
A minha cela é como um rio de luz...

Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!  
Empalidece mais! E, resignada,  
Prende os teus braços a uma cruz maior!

Gela ainda a mortalha que te encerra!  
Enche a boca de cinzas e de terra,  
Ó minha mocidade toda em flor!

# A Vida

É vão o amor, o ódio, ou o desdém;  
Inútil o desejo e o sentimento...  
Lançar um grande amor aos pés dalguém  
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo «Pedro Sem»,  
Uma alegria é feita dum tormento,  
Um riso é sempre o eco dum lamento,  
Sabe-se lá um beijo donde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...  
Uma saudade morta em nós renasce  
Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia...  
A gente esquece sempre o bem dum dia.  
Que queres, ó meu Amor, se é isto a Vida!...

# Horas Rubras

Horas profundas, lentas e caladas  
Feitas de beijos rubros e ardentes,  
De noites de volúpia, noites quentes  
Onde há risos de virgens desmaiadas...

Oiço olaias em flor às gargalhadas...  
Tombam astros em fogo, astros dementes,  
E do luar os beijos languescientes  
São pedaços de prata plas estradas...

Os meus lábios são brancos como lagos...  
Os meus braços são leves como afagos,  
Vestiu-os o luar de sedas puras...

Sou chama e neve e branca e mist'riosa...  
E sou, talvez, na noite voluptuosa,  
Ó meu Poeta, o beijo que procuras!

# Suavidade

Poisa a tua cabeça dolorida  
Tão cheia de quimeras, de ideal  
Sobre o regaço brando e maternal  
Da tua doce Irmã compadecida.

Hás-de contar-me nessa voz tão q'rida  
Tua dor infantil e irreal,  
E eu, pra te consolar, direi o mal  
Que à minha alma profunda fez a Vida.

E hás-de adormecer nos meus joelhos...  
E os meus dedos enrugados, velhos,  
Hão-de fazer-se leves e suaves...

Hão-de poisar-se num fervor de crente,  
Rosas brancas tombando docemente  
Sobre o teu rosto, como penas d'aves...



# Princesa Desalento

Minh'alma é a Princesa Desalento,  
Como um Poeta lhe chamou, um dia.  
É revoltada, trágica, sombria,  
Como galopes infernais de vento!

É frágil como o sonho dum momento,  
Soturna como preces de agonia,  
Vive do riso duma boca fria!  
Minh'alma é a Princesa Desalento...

Altas horas da noite ela vagueia...  
E ao luar suavíssimo, que anseia,  
Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minh'alma, ajoelhado,  
E vai traçar, fantástico e gelado,  
A sombra duma cruz à tua porta...

# Sombra

De olheiras roxas, roxas, quase pretas,  
De olhos límpidos, doces, languescentes,  
Lagos em calma, pálidos, dormentes  
Onde se debruçassem violetas...

De mãos esguias, finas hastes quietas,  
Que o vento não baloiça em noites quentes...  
Nocturno de Chopin... risos dolentes...  
Versos tristes em sonhos de Poetas...

Beijo doce de aromas perturbantes...  
Rosal bendito que dá rosas... Dantes  
Esta era Eu e Eu era a Idolatrada!...

Ah, cinzas mortas! Ah, luz que se apaga!  
Vou sendo, em ti, agora, a sombra vaga  
D'alguém que dobra a curva duma estrada...

# Hora que Passa

Vejo-me triste, abandonada e só  
Bem como um cão sem dono e que o procura,  
Mais pobre e desprezada do que Job  
A caminhar na via da amargura!

Judeu Errante que a ninguém faz dó!  
Minh'alma triste, dolorida, escura,  
Minh'alma sem amor é cinza, é pó,  
Vaga roubada ao Mar da Desventura!

Que tragédia tão funda no meu peito!...  
Quanta ilusão morrendo que esvoaça!  
Quanto sonho a nascer e já desfeito!

Deus! Como é triste a hora quando morre...  
O instante que foge, voa, e passa...  
Fiozinho d'água triste... a vida corre...

# Da Minha Janela

Mar alto! Ondas quebradas e vencidas  
Num soluçar aflito, murmurado...  
Voo de gaivotas, leve, imaculado,  
Como neves nos píncaros nascidas!

Sol! Ave a tombar, asas já feridas,  
Batendo ainda num arfar pausado...  
Ó meu doce poente torturado  
Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!

Meu verso de Samain cheio de graça,  
Inda não és clarão já és luar  
Como um branco lilás que se desfaça!

Amor! Teu coração traga-o no peito...  
Pulsa dentro de mim como este mar  
Num beijo eterno, assim, nunca desfeito!...

# Sol Poente

Tardinha... «Ave-Maria, Mãe de Deus...»  
E reza a voz dos sinos e das noras...  
O sol que morre tem clarões d'auroras,  
Águia que bate as asas pelo céu!

Horas que têm a cor dos olhos teus...  
Horas evocadoras doutras horas...  
Lembranças de fantásticos outroras,  
De sonhos que não tenho e que eram meus!

Horas em que as saudades, plas estradas,  
Inclinam as cabeças mart'rizadas  
E ficam pensativas... meditando...

Morrem verbenas silenciosamente...  
E o rubro sol da tua boca ardente  
Vai-me a pálida boca desfolhando...

# Exaltação

Viver! Beber o vento e o sol! Erguer  
Ao céu os corações a palpitar!  
Deus fez os nossos braços pra prender,  
E a boca fez-se sangue pra beijar!

A chama, sempre rubra, ao alto a arder!  
Asas sempre perdidas a pairar!  
Mais alto até estrelas desprender!  
A glória! A fama! Orgulho de criar!

Da vida tenho o mel e tenho os travos  
No lago dos meus olhos de violetas,  
Nos meus beijos estáticos, pagãos!

Trago na boca o coração dos cravos!  
Boémios, vagabundos, e poetas,  
Como eu sou vossa Irmã, ó meus Irmãos!



Florbela Espanca (1894-1930)

«Eu sou apenas poetisa: poetisa nos versos e miseravelmente na vida, por mal dos meus pecados. Não sei fazer mais nada a não ser versos; pensar em verso e sentir em verso. Predestinações...»